

A solidão presidencial

ÁLVARO ALVES DE FARIA

O presidente anda assustado. Não é para menos. Quase isolado em seu castelo, como aqueles da Espanha ou da Alemanha, onde os fantasmas passam a noite arrastando correntes, o presidente cisma com as coisas ainda detectáveis, mas não se atreve a escrever um poema. Numa hora desta, isso seria uma verdadeira loucura.

Um governo, pelo que se vê, pode ser desestabilizado com algumas palavras mais veementes. O ex-presidente João Batista de Figueiredo resolveu deitar falação contra o Governo do presidente membro da Academia Brasileira de Letras. Figueiredo usou imagens contundentes, bem ao estilo de quem entra num ringue a fim de nocautear o adversário com um único soco sem luva. Entre suas palavras, Figueiredo pergunta pelo futuro do Brasil. E diz que esse futuro, certamente, será "o de uma pororoca social".

O ministro da Aeronáutica se doe: "Se esse manifesto tivesse saído há quatro anos, seria uma autocritica perfeita". Mas se o ministro Moreira Lima se exaltou, as coisas no Exército mergulharam num profundo silêncio. O Centro de Comunicação Social disse apenas que não tinha nada a comentar, frase que faz parte de nossa História recente, se é que o País tem História.

Ulysses Guimarães, presidente da Câmara (o que lhe dá o direito de ser vice-presidente do Brasil), presidente nacional do PMDB e presidente da Constituinte, repetiu aquilo que vem dizendo há muito tempo: "Nós conseguimos acabar com o monstro do autoritarismo, mas os destroços estão aí, difíceis de serem removidos, recaindo muitos deles principalmente sobre o presidente Sarney".

Solitário em seu castelo, observando a planticie seca de Brasília pela fresta da janela (há uma cortina azul imaginária), o presidente repete algumas vezes para paredes que estão querendo desestabilizar o seu governo. Num papelzinho colocado em cima da mesa, o presidente anota os indícios: a entrevista do ex-presidente Figueiredo, as críticas do ex-ministro Mário Henrique Simonsen e a reunião dos militares na Associação Brasileira de Defesa da Democracia. Em profundo silêncio, o presidente afirma para si mesmo que a desestabilização só não virá se o PMDB resolver realmente apotá-lo. Mas o PMDB se esquivava — costume antigo — porque assumir a desgraça é coisa para herói de história em quadrinhos. O PFL que o diga.

De qualquer maneira, antes de partir para a Venezuela, o presidente deixou um lembrete ao deputado Ulysses Guimarães lembrando que a História já viu Getúlio Vargas dar um tiro no coração, Jânio Quadros renunciar à Presidência da República e o presidente João Goulart ser deposto por falta de apoio político no Congresso Nacional.

O presidente está só. Ou por outra: tem ao seu lado alguns nomes que lhe dão um certo alento. Mas, para se governar um País dos trópicos, é preciso muito mais. O PMDB é governo, mas nunca vai perceber essa realidade. O lembrete do presidente a Ulysses é dramático. Basta apenas lê-lo com atenção. Ele confirma três crises irreversíveis, sem retorno. Afinal, qual será o recado do presidente? É provável que o País, nos próximos dias, realize as costumeiras centenas de reuniões para analisar a angústia presidencial. Por enquanto, ainda brilha um tímido sol sobre o planalto central. Mas muitos meteorologistas de planalto insistem em dizer que o temporal é quase inevitável.